**O testemunho das Musas**

*Quase poesia: talvez abismo*, de José Adriano Alves

Em meio a tempos turbulentos, quando tudo parece fora de ordem, quando tudo parece absurdo, quando uma confusão de palavras e sentidos ganha cada vez mais força, e o desencantamento com o mundo parece fato consumado, *Quase poesia: talvez abismo* (2018), quarto livro de poemas de José Adriano Alves, desperta nossa atenção para a necessidade de “ser inteiro em tudo o que se faz” (p. 89). Apesar das incertezas, dos alaridos e da sensação de que tudo grita não, é possível dizer *sim!* à vida.

De modo simples e direto, sem tendência a experimentalismos, *Quase poesia: talvez abismo* conduz o leitor à reflexão de que “a poesia não tem porquê. Ela é” (p. 19). A poesia, força plástica e vivificante, está em todos os lugares, embora raras vezes estejamos atentos para percebê-la na simplicidade da sua presença. Menos como arroubos, idílios, paixões, ações arbitrárias e desmedidas, e mais como clamor de plenitude e silêncio, a poesia, retomando as palavras de Adriano Alves, é o que “põe o dia pro infinito” (p. 43) e lança o homem – cada um de nós – rumo a um sentido.

Conciliando prosa e poema – resguardando a poesia na sua instância criativa – Adriano Alves acolhe “a palavra herdada” (p. 40) e, tal qual andarilho, “num vagar solitário” (p. 25), coloca-se na fronteira da linguagem, do mundo, na dimensão da própria existência. Para ele, “o mistério da vida está no inesperado” (p. 20). Ao integrar-se à poesia, prescindindo de conceitos, o poeta percebe que a realização concreta da vida – abraço de situações díspares, de realidades opostas, de caminhos que são ao mesmo tempo selvagens e tênues – “vale mais que uma ideia” (p. 89). Pois vida – um salto no abismo.

 Sem colocar os sentidos à flor da pele, com uma linguagem límpida e ritmada, Adriano Alves aventura-se na “procura/ do rito primevo” (p. 40) na medida em que arrisca um salto não para fora, e sim para dentro da própria vida; para dentro de uma vida possível de ser vivida. Todavia, àqueles que hesitam em dar o passo derradeiro abrem mão de se lançarem na experiência do salto. “O homem que viu o abismo/ [...] viu ali o seu destino” (p. 55). E isso – assusta.

Sobre a experiência do salto, lemos em um dos tercetos:

Salto no escuro

A isso dizemos poesia

A isso chamamos vida.

(p. 30)

A imagem do “salto” é questão tanto de poesia, quanto de vida. Questão de poesia à medida que esta realiza uma experiência com o essencial, com a participação na dinâmica da realidade. E, também, questão de vida porque suscita um movimento contínuo de invenção. Em *Quase poesia: talvez abismo* poesia e vida estão entrelaçadas; são criação e recriação, lugar de encontro, construção de sentido – que conduz o homem à ação.

Apesar de “livre de contar sílabas e rimas,/ o poeta escreve o verso inspirado” (p. 77). Escrever “o verso inspirado” não significa abrir mão do trabalho. Não se trata de fazer uma escolha: ou rigor, ou vigor. Ambos estão um no outro, um dentro do outro, em um mesmo gesto. Isso significa que a criação poética estabelece uma posição paradoxal: ao mesmo tempo em que o poeta é tomado por um instante de descoberta e revelação, há a necessidade de trabalhar cada palavra, a cadência, o sentido poético como um todo.

Importante ressaltar a proximidade entre poesia e pensamento, que se desvela em *Quase poesia: talvez abismo* através de uma relação dialogal, mas sem colocar ou responder uma pergunta a respeito da natureza da poesia – perguntar pela natureza da poesia é secundário, tardio, posterior à exclamação, ao fascínio, ao transbordamento e à plenitude vital que um aceno poético provoca – torna presente ora explícita, ora implicitamente questões inerentes à condição humana. Porém nada de especulações metafísicas, teorias abstratas, conceitos filosóficos, tom pesado, jargões. O que há é o trabalho com a trama da linguagem, a sensibilidade de perceber que “uma nota compõe o silêncio” (p. 17) e se doa como possibilidade, como presença.

Falatórios e alaridos não participam da aventura poética de Adriano Alves com as palavras. Seus versos têm um canto transparente. Quanto mais silencia mais centra-se e concentra-se na medida da poesia. E em silêncio ele, o poeta, – “diz como quem cala/ o que não é percebido” (p. 56) – encontra o passo e o compasso da palavra, o movimento da vida diluída em poesia. No dizer do próprio poeta:

Quanto mais me silencio,

mais o canto se faz forte.

E me ponho a pensar nesse abismo:

palavras desconhecidas.

Entre o escrito e o sacrífico,

canta a cigarra o seu ofício.

Em *Quase poesia: talvez abismo* uma profusão de imagens: o relógio, o branco, a água, a confissão, a dor, o tempo, a espera. Vida e morte. Horizontes sedentos de epifanias. Essas imagens têm “o peso/ que define bem a vida” (p. 57) e – sutilmente – fazem ressoar suaves gotas de melancolia misturadas à ironia. Outra característica é a ausência de erudição. Adriano Alves aposta no popular, no significado livre e concreto das palavras, no cotidiano, na vida que sagra – mares absolutos, infinitos.

Há de se chamar atenção também para a imagem mítica da Musa, que se aproxima do poeta ordenando-lhe o canto. Um canto que fecunda a memória e pede para ser ouvido em quietude. Adriano Alves, “como cego sem o guia”, segue ao encontro com o “incerto que se anuncia” (p, 63) e, sem titubear, inicia sua navegação em mares de palavras plasmadas em poesia. É o que nos leva a pensar a última estrofe do poema “Musa”:

Vejo a folha e inscrevo teu nome, musa

 feroz. Doando o coração pro livro

 nesse sangue que escorre do tinteiro.

(p. 63)

Como podemos observar trata-se de uma estrofe rica em imagens poéticas, entretanto, irei deter-me apenas em uma: o coração. Para o poeta, a poesia está no coração e o sangue que circula nas suas veias – “escorre do tinteiro” do seu peito para as artérias do poema, doando uma pequena parte da sua vida. Nessa pequena parte – toda a vida. Coração é o que impulsiona o homem; é o que gera frenesi; é desde o coração, élan vital, que Musa e poeta harmonizam-se. Absurda é a Musa de Adriano Alves.

Ao auscultar o coração – como “poeta no mundo” (p. 103) –, Adriano Alves acompanha o que a Musa, em ritmos candentes, pontua. Ele se lança, em meio a sol a pino, em uma navegação de alto mar, e compreende a poesia como um “mundo dentro de outro mundo” (p. 18). Talvez pássaro solto, canto. Possivelmente destino.

*Quase poesia: talvez abismo* – prelúdio de um mundo no qual a poesia, amálgama de vida e pensamento – é o exercido mais profundo não só do poeta, mas também do próprio homem. Um livro que pede ao seu leitor que penetre no “jardim deserto de uma casa sem enfeites” (p. 27). E que, ao entrar neste jardim, se deixe tomar silenciosamente por ele. Pois o sentido da poesia só se realiza em plenos e vastos silêncios.